



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE: MULHERES MILITANTES NO “REINO DO ARBÍTRIO E DA TORTURA”**

Hugo Pires Júnior  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: hugohugone@hotmail.com

Lívia Diana Rocha Magalhães  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: lrochamagalhaes@gmail.com

### **INTRODUÇÃO**

Este é um estudo de memória, de memória vivida, de memória de resistência, de memória de mulheres que evidenciaram sua força e determinação quando avançaram para além do arbítrio político denunciando as condições a que foram submetidas quando mantidas nos órgãos de segurança da ditadura civil-militar brasileira. Esta pesquisa analisa as narrativas, explicitadas publicamente de cinco mulheres que militaram em organizações de esquerda e foram, nos Anos de Chumbo, sequestradas/presas pelos órgãos de repressão do regime. O problema em análise parte da memória de experiências limites vividos por essas mulheres no enfrentamento às arbitrariedades do regime que tentou desestabilizá-las submetendo-as a tortura de gênero, ou seja, moral, sexual e genital. O objetivo da pesquisa foi o de analisar as narrativas das mulheres submetidas à tortura sistemática revisitando os marcos de memória (HALBWACHS, 2006) de dor e sofrimento vivenciados, no intuito de evidenciar o processo de edificação de suas subjetividades (KIERKEGAARD, 2013/2016) possível construída na resistência/existência à ditadura e para além dela. O referencial teórico sob o qual a análise foi desenvolvida refere-se ao período da ditadura civil-militar brasileira que antecedeu à promulgação do Ato Institucional Número Cinco (AI-5), mais especificamente o ano de 1968 avançando até o ano de 1974, no governo do general Emílio Garrastazu Médici, os Anos de Chumbo, com ênfase na formação política angariada nas suas militâncias trazendo à elementos indicadores das categorias memória, subjetividade, existência, dor/sofrimento. As cinco mulheres militantes narraram, de forma incisiva, clara e real as torturas físico-psíquicas a que foram submetidas durante os chamados Anos de Chumbo, mais precisamente entre os anos de 1970 e 1972.

**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**



## METODOLOGIA

O *corpus* da pesquisa é parte do acervo da Comissão Nacional da Verdade (CNV) de Brasília (DF), instalada pela Lei nº 12.528 de 18/11/2011 disponível, na *web*, e de suas congêneres Comissões Regionais da Verdade (CRV), sediadas nos Estados. Foram selecionados cinco mulheres, militantes de esquerdas ouvidas nas audiências públicas das CRV ocorridas nas cidades de Porto Alegre (RS) e Rio de Janeiro (RJ), e pelo Relatório à Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Conselho Federal (CF) da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) Processo nº F-CGH-017/80 que trata de tortura praticada pela Polícia Civil - MJ. 007252/81, as mulheres militantes são: Nilce Azevedo Cardoso; Inês Etienne Romeu Eliana Lorentz Chaves; Ignez Maria Serpa Ramminger; Lúcia Murat e no estudo serão nomeadas por **Nilce; Etienne; Eliana; Lúcia e Ignez**. Os documentos são de domínio público disponível nos sítios da CNV. As cinco mulheres militantes narraram, de forma incisiva, clara e real as torturas físico-psíquicas a que foram submetidas durante os chamados Anos de Chumbo, mais precisamente entre os anos de 1970 e 1972.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados deixam visíveis a trajetória das cinco mulheres militantes de esquerda no enfrentamento da ditadura militar instaurada sob as bases da Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento (DSND) que criou forte aparato militar de repressão utilizado contra seus opositores, cuja estrutura é mantida até aos dias atuais. A ditadura gerou impunidade aos gestores da repressão, revelou um Estado que fez da tortura parte da sua política regular, criou e manteve órgãos de repressão e extermínio de opositores clandestinos (OBAN) e oficiais (os CODI e os DOI), deu liberdade de ação e autonomia aos gestores da repressão que se transformaram, ao longo do tempo, em força paralela ao poder do Estado ditatorial, disseminando a tortura de forma galopante em todos os níveis e nos órgãos de segurança mantidos pelas FA e pelo capital nacional na defesa dos interesses do capital internacional.

A militância de Nilce; Etienne; Eliana; Lúcia e Ignez habilitou-as a suportar as demais experiências que a seguir vivenciaram. As mulheres ai cárem são expostas as ações de torturas sistemáticas onde os torturadores evidenciam a sua condição de mulher em detrimento às suas ideologias a serem combatidas. A esse respeito Jelin (2016)



ênfatisa que quando sequestradas/presas as mulheres têm desconsideradas sua condição de presa política e até sua condição humana e o que sobrevém é a relação de poder que é exercida na repressão de forma explícita e direta demarcada pelas e nas relações de gênero. Ao ser sequestrada Nilce foi levada para o “fosso”, apavorada e com medo sentiu que a histeria paralisara suas pernas deixando-a estática e insegura, pois, encapuzada no alto da escada que levava ao fosso, e o torturador a empurra arremessando-a escada abaixo para dentro da fossa. Jelin (2016) reforça a ideia de que as ditaduras entronizam o modelo de gênero, já discutido e enfatizado por Scott (1996); Saffioti (2004, 2013) e Butler (2016) sendo que o poder masculino está inoculado no militar e proliferam em todas as ordens de violência nas fossas, calabouços, quartos escuros, porões. E é nesses espaços que a masculinidade dos torturadores se manifesta, aonde eles demonstram seus poderes absolutos, supremos para a produção da dor e sofrimento sendo que as sessões de torturas contundentes caracterizam momentos de exaltação fazendo-os sentirem como deuses, com o poder de vida, de morte e de reduzir suas vítimas ao pó, ao nada e essas são as mulheres, seu corpo e suas formas.

As mulheres militantes relatam que se entregaram após a ditadura ao trabalho sistemático e à luta pela sobrevivência ocupando-se sem descanso e sem pensar (CARDOSO, 2016) o que gerou nelas um processo de objetivação do Ser, por ela reputado como um tempo de “loucura” dado o acúmulo de trabalho que faz “apagar” de sua memória todas as outras formas de manifestação do seu Eu, da sua singularidade. O ser objetivado coloca-se longe, distanciado de si mesmo promovendo um anulamento de si como pessoa, torna-se identidade deslocada de si que não se concretiza como indivíduo social, não avança, estagna, não busca a verdade como lembra Kierkegaard (2013/2016) e Foucault (2010) longe da singularidade, de um si mesmo sem se dar conta, como ressalta Halbwachs (2006) que, ainda, mantém viva a memória recente sobre sua experiência de dor frente ao arbítrio político. Pois é a existência que leva a interiorização, a individuação, a singularização que as fazem retornarem a si mesmas promovendo a reconstrução da sua subjetividade e isto se dá na militância continuada, no devir, na existência, como um indivíduo concreto que se concretiza pela busca da verdade que se expressa na edificação da sua subjetividade, pois a verdade se faz pela interioridade e ele é a “subjetividade”, como anuncia Kierkegaard (2013, p. 199).



Não há como perder de vista nesse processo, que a reconstrução da subjetividade nas mulheres militantes esta presente e se dá como ensina Kierkegaard (2103/2016) na existência, no dia-a-dia como uma tarefa real, não metafísica e nem subjetiva no sentido da construção de uma identidade, quando indica que a edificação da subjetividade manifesta-se no real, na vivência diária, na execução de atividades que envolvem um exercício de interiorização, também ascético, uma busca material, na forma de “atos de conhecimento”. E, esta é a forma observada, também, por Foucault (2010a) quando enfatiza uma subjetividade que envolve a “atenção, o olhar, à percepção que se tem de si, o estar atento a si, o voltar o olhar para si, o examinar-se a si mesmo, o refluir sobre si mesmo, retrain, ou então, restabelecer-se, instalar-se sobre si mesmo como um refúgio” (p. 78). O Ser para Foucault nessa busca subjetiva transforma-se em uma “uma cidade fortificada”, pois ele promove o ato de “descer ao mais profundo de si mesmo, perpassando por ‘famílias de expressões’ que ‘concerne a toda uma prática de si’” sendo que isto remete a questão da edificação e da interioridade que exige o “descer o mais profundo de si mesmo, instalar-se sobre si mesmo” (p. 78). Almeida; Pires-JR (2013) discutem essa relação que em Kierkegaard (2013/2016) é demonstrada como edificação que envolve a ideia de que quanto mais você edifica, mais você se busca em profundidade e mais você se eleva. E esta busca não pode restringir-se a um mero objeto de saber, pois a subjetividade real é ética e esta vai além de regras e de leis ou de poderes constituídos pelas instituições, mas se dá pelas escolhas do ser e essas ocorrem na sua existência. E é a militância atual que leva as mulheres a um processo contínuo de conhecimento de si.

## CONCLUSÃO

Os dados evidenciaram que no Brasil a emancipação da mulher começa pela dor/sofrimento e foi patrocinada pela ditadura militar que redefiniu de forma marcante a disposição do poder a partir do universo masculino tendo na farda a prevalência do “macho” predador e organizador que demonstra, em seus vários redutos, estar acima da ordem e da lei, e que sobrepuja a mulher fazendo-a acreditar-se estranha em uma ordem estabelecida e comandada pelo poder do homem. Assim Nilce, Etienne, Eliana, Lúcia e Ignez pontuaram em todo esse processo como coautoras da história recente do país, e que vivenciaram experiências limites na defesa de suas ideologias no enfrentando da



ditadura e isto as fez distintas das construções usuais de gênero, onde a mulher é colocada em um *status* cultural que lhe determina um lugar privado na sociedade no qual ela deve exercer as funções de esposa, mãe, filha, tia, avó, no âmbito da família e do lar. Em suas memórias coletivas essas mulheres demonstraram a superação de suas condições básicas e de formação de vida que se distanciou do padrão culturalmente esperado para mulheres dos anos de 1960 e rompem com o determinismo a elas imposto pela sociedade patriarcal e machista e passam a lutar contra a ditadura, pelo retorno à democracia e ao estado de direito e em suas organizações almejavam promover a mudança, a passagem gradual ou radical do capitalismo para o socialismo, pelos caminhos do entendimento político ou pelo caminho do confronto armado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; Subjetividade; Mulheres Militantes; Ditadura Civil-Militar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. M. de; PIRES-JR, Hugo. Subjetividade da subjetividade: a propósito da relação entre Kierkegaard e Foucault. *IX Jornada Kierkegaard*. Buenos Aires: Instituto Universitário ISEDET, v. 1. p. 20-20, 2013.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARDOSO, Azevedo Nilce. *Relatos de sobrevivência*: Nilce Azevedo Cardoso. Disponível em: <https://resistenciaemarquivo.wordpress.com/2014/08/15/relato-de-sobrevivencia-nilce-azevedo-cardoso/comment-page-1/> 2016.

FOUCAULT, Paul-Michel. *A hermenêutica do sujeito*: curso no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Obras de Michel Foucault)

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. España: Siglo Veintiuno, 2001. Capítulo 6. El género em las memórias. Disponível em: <http://www.cholonautas.edu.pe/modulo/upload/JelinCap6.pdf> . 2016.

KIERKEGARD, Soeren Aabye. *Pós-escrito conclusivo não científico às migalhas filosóficas*: coletânea mímico-patético-dialética, contribuição existencial, por Johannes Clímacus. Editado por S. Kierkegaard. Petrópolis: Vozes/Bragança Paulista: São Francisco, 2013/2016. Vol. I e II



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

\_\_\_\_\_. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004

SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses*. Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press. 1989.  
<https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/> 2016.



**DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**